



Razón y Palabra

ISSN: 1605-4806

octavio.islas@proyectointernet.org

Instituto Tecnológico y de Estudios Superiores
de Monterrey
México

Souza Lima, Irenilda de; Maciel, Betânia; Queiroz Ramos, Eliana Maria de; Silva, Jademilson Manoel
TEORIA DE FOLKCOMUNICAÇÃO: UMA POSSÍVEL APROXIMAÇÃO ENTRE COMUNICAÇÃO E
EDUCAÇÃO

Razón y Palabra, vol. 16, núm. 77, agosto-octubre, 2011
Instituto Tecnológico y de Estudios Superiores de Monterrey
Estado de México, México

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=199520010019>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

TEORIA DE FOLKCOMUNICAÇÃO: UMA POSSÍVEL APROXIMAÇÃO ENTRE COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO

Irenilda de Souza Lima¹

Betânia Maciel²

Eliana Maria de Queiroz Ramos³

Jademilson Manoel Silva⁴

Os estudos que contemplam a relação educação e comunicação, no Brasil, têm sido evidenciados, principalmente desde os escritos do pedagogo pernambucano Paulo Freire. Na divulgação do livro *Comunicação ou Extensão?*, no final dos anos sessenta, Paulo Freire focaliza os processos comunicacionais que se inserem no agir pedagógico libertador. Aproximou educação e comunicação fazendo reflexões sobre o trabalho dos extensionistas rurais, chamando a atenção do modelo comunicacional subjacente ao modelo pedagógico da ação destes profissionais, que na recomendação de Freire deveriam ser educadores..

Ainda Freire (1969) destaca a importância da comunicação na construção do conhecimento que colabora para a autonomia do educando. Do mesmo jeito, a educação do campo é um conceito desenhado a partir da cultura local campesina e, nesta perspectiva, a valorização das manifestações populares aproxima a educação libertária como coerente com a concepção de educação do campo como uma educação para o território, aproximando educação com a folkcomunicação. Outro conceito que se tem estabelecido dentro de uma nova fonte de perspectiva de pesquisa é a chamada educomunicação, que segundo Donizete Soares (2006, p.1):

Quando falamos em Educomunicação, estamos nos referindo a um campo de pesquisa, de reflexão e de intervenção social, cujos objetivos, conteúdos e metodologia são essencialmente diferentes tanto da Educação Escolar quanto da Comunicação Social. Investigar os fundamentos desse campo, discutir as inter-relações dos vários tipos de saberes que se fundem na Educação e na Comunicação constituem os principais objetivos teóricos desse novo campo. O que sentem e pensam as pessoas de si mesmas, dos outros e do mundo que as rodeia, não importando idade, sexo, credo ou condição social, por sua vez, são os conteúdos trabalhados na Educomunicação.

Portanto, há relações imbricadas entre comunicação e educação, cada área norteada por seus próprios princípios, mas que se (re) configuram em um processo amplo desses conceitos estabelecidos no contexto, cotidiano e relações interpessoais da sociedade, em especial da cultura. Neste trabalho de cunho teórico, pretendemos fazer associações das teorias que cercam a folkcomunicação com as bases teóricas da educação com base construtivista, em especial das idéias de um dos precursores da denominada Escola Nova, em 1916, o filósofo John Dewey (1859-1952), em paralelo com o pensamento de Luiz Beltrão (1918 -1986).

Comunicação e Educação

Podemos dizer que comunicação é um intercâmbio de informações que se utiliza de sistemas simbólicos, meios e suportes. O termo oriundo do latim *comunicare*, significa pôr em comum, tornar comum. Comunicar é transmitir idéias e informações com o objetivo de promover entrosamento, entendimento, entre os indivíduos. (SANTOS, 2003).

Quando nos comunicamos somos também parte de um processo que compartilha. As formas e meios de comunicação trazem mensagens que permitem compartilhar pensamentos, sentimentos, opiniões, informações e experiências com outros.“ (DIMBLEBY;BURTON, 1990, p.37)

A comunicação, hoje, também é estabelecida como um processo, ou seja, é um *continuum*. Para Berlo (2003), o processo é um acontecimento com relações dinâmicas, em evolução, sempre em mudança, contínuos. Em comunicação, os acontecimentos são conjuntos, inseparáveis, todos os elementos (emissor, receptor, canal, mensagem, etc) fazem parte do processo de comunicação.

E sobre a definição de educação, trazemos em especial o caráter extraclasse para a educação. Então, um dos conceitos mais simples e importantes de educação vem de Brandão (1984), quando o autor diz que educação é um processo anterior e muito mais amplo do que aquele que é desenvolvido na escola; permeia todos os mundos sociais. Ocorre entre as incontáveis práticas dos mistérios do aprender; primeiro, fora do sistema escolar; mais adiante com escolas, salas, professores e métodos pedagógicos.

Diz, então, que a educação está em todos os cantos do mundo, ou seja, os grupos como os nossos que dividem e hierarquizam tipos de saber, e de alunos e de usos do saber, não podem abandonar por inteiro as formas livres, familiares e/ou comunitárias de educação.

A maior parte dos enfoques dados à Educação e à Comunicação toma como base as duas áreas como campos de conhecimento distintos, cada qual com seu próprio referencial e instrumental. As discussões derivadas da integração destes temas ficam, na maioria das vezes, em torno dos atuais caminhos da educação, sobre o uso das novas tecnologias, presenças dos meios na prática pedagógica e sobre as mudanças no ensino, na aprendizagem e na prática pedagógica decorrentes de tal uso (BORDENAVE, 1981).

Assim, a educação e a comunicação foram historicamente percebidas como campos de conhecimento separados e neutros. A comunicação é analisada como sendo responsável pela difusão de informações, pelo lazer e pela publicidade. Já a educação geral e a educação escolar, em particular, são tidas como instrumentos capazes de reproduzir o modo de ser e a concepção de mundo, de pessoas, grupos, classes, sob a mediação da autoridade do professor. Enfim, a educação escolar seria encarregada de transmitir o saber necessário ao desenvolvimento social.

De Kaplún (1999) vem a idéia da ação dos educadores e dos comunicadores educativos, mas acarretando uma terceira categoria, a dos comunicadores educativos. O termo Comunicação Educativa traz a implicação de considerar a comunicação não meramente como instrumento midiático e tecnológico, mas como um componente pedagógico e a emergir como novo campo epistemológico.

Juan E. Diaz Bordenave foi, no Brasil, um dos precursores da integração da educação com a comunicação mas, além disso, trouxe grande contribuição teórica para a construção de uma nova área multidisciplinar no campo da comunicação que foi a Comunicação Rural.

A necessidade da integração desses campos foi defendida por Juan E. Díaz Bordenave, na

década de sessenta. Ao focar a combinação dos objetivos da comunicação rural e da Educação Rural, Bordenave chamou a esse entrosamento de comunicação-educação rural.

Destacamos a seguir um livro do autor sob título *Educação Rural no Terceiro Mundo*, publicado em 1981, quando faz apologia à educação-comunicação. Estas áreas de conhecimento se necessitam mutuamente e o estudo separado tem prejudicado o desenvolvimento de ambas. Quanto à dicotomia, aponta como causa principal desta separação, a formação superespecializada.

Quando, uns nas faculdades de Comunicação aprenderam a utilizar os meios de difusão de mensagens sem atentar para as suas conseqüências mais profundas. Outros aprendem em faculdade de Educação a incrementar conhecimentos e formar hábitos em indivíduos ou grupos pequenos, sem dar a maior importância ao manejo dos símbolos e dos meios. (BORDENAVE, 1981, p. 240)

Bordenave diz que são muitos os comunicadores que não percebem que estão educando quando comunicam e há educadores que não sabem comunicar. O autor faz analogia da necessidade desta integração, comparando esta união com a inseparabilidade de um velho matrimônio camponês.

Atualmente, na América Latina, e em alguns países da Europa, já se consolida a linha de pesquisa e um novo campo epistemológico evidencia a importante integração da comunicação/educação. Contribuições teóricas e práticas nesta área foram dadas por Celestin Freinet, Martin Barbero, Guilherme Orozco Gómez, Mário Kaplún e pelos brasileiros Paulo Freire, Ismar de Oliveira Soares, Adilson Citelli, entre outros.

Consideramos pertinente acrescentar outros nomes e fazer outras relações entre educação e comunicação. Fazemos, então, neste trabalho, a associação da educação com a folkcomunicação cujas origens se remontam ao seu criador, o pernambucano Luiz Beltrão e das bases teóricas da educação trazemos o pensamento do educador americano John Dewey.

A teoria comunicacional de Luiz Beltrão

Jornalista e advogado, Luiz Beltrão de Andrade Lima nasceu em Olinda (PE), em 1918. Fundador do curso de Jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco em 1961, foi presidente da Associação de Imprensa de Pernambuco e atuou no Diário de Pernambuco e Folha da Manhã, no Recife. Foi diretor da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. Publicou vários livros, entre eles a trilogia *A imprensa informativa*, *Jornalismo interpretativo* e *Jornalismo opinativo*, e mais *Técnicas de jornal*, publicado pelo Ciespal em 1964. Em teoria da comunicação: *Comunicação e folclore: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação e expressão de idéias* (1971), que é resultado de sua tese de doutoramento e *Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados* (1980). Morreu em Brasília, a 24 de outubro de 1986. Foi ao mesmo tempo pesquisador, educador e divulgador científico. Produziu conhecimento midiático ancorado na vivência profissional.

A Folkcomunicação estuda a comunicação popular e as suas diversas manifestações. Para Marques de Melo (2006, p.18):

Trata-se de um campo de estudo que vem sendo fortalecido e atualizado, justamente pela permanência, na sociedade de classes, daquelas formas de sentir e agir dos segmentos economicamente pauperizados, das comunidades situadas na marginalidade cultural ou dos grupos que padecem a segregação política. (MARQUES DE MELO, 2006, p.18)

A Teoria da Folkcomunicação (1967) é de autoria do jornalista pernambucano Luiz Beltrão, que analisou a comunicação popular como manifestação própria de um grupo marginalizado que atuava como retransmissor ou decodificador de mensagens veiculadas pelos meios de comunicação de massa. (BELTRÃO, 2001). A proposta original de Luiz Beltrão está vinculada à formulada por Katz e Lazarsfeld⁵ como Teoria da Comunicação, nos paradigmas do *fluxo comunicacional em duas etapas*, e depois ampliada por Wilbur Schramm⁶, na *teoria da comunicação em múltiplas etapas*. Beltrão observou que, no Brasil, havia simultaneamente o sistema de comunicação massiva e os grupos primários, receptores das mensagens midiáticas. E entre eles, um sistema *mediador*, denominado *folkmediático*. Seu argumento era o de que tais manifestações populares tinham tanta importância comunicacional quanto as massivas.

Na verdade, Beltrão descobrira que os processos modernos de comunicação massiva coexistiam, no espaço brasileiro-nordestino, com fenômenos de comunicação do período medieval-europeu, transportados pelos colonizadores lusitanos e historicamente aculturados. Tais veículos de comunicação popular ou de folkcomunicação, mesmo primitivos ou artesanais, atuavam como meros retransmissores ou decodificadores de mensagens desencadeadas pela indústria da comunicação de massa. (MARQUES DE MELLO, 2005).

Seu argumento implícito era o de que as manifestações populares, acionadas por agentes de "informação de fatos e expressão de idéias", tinham tanta importância comunicacional quanto aquelas difundidas pelos *mass media*. (MARQUES DE MELLO, 2007). Segundo Beltrão, o fenômeno comportava uma interação bipolar (pois incluía o *feedback* protagonizado pelos "agentes populares" no contato com os "meios massivos") e revelava natureza coletiva. A re-interpretação das mensagens não se fazia apenas em função da "leitura" individual e diferenciada das lideranças comunitárias. Mesmo sintonizadas com as "normas de conduta" do grupo social, ela continha fortemente o sentido da "coesão" grupal, captando os signos da "mudança social", típico de sociedades que sofrem as agruras do meio ambiente e necessitam transformar-se para sobreviver. (MARQUES DE MELLO, 2005)

Beltrão revela a noção de comunicação e de dinâmica social embutidas no termo folkcomunicação ao constatar a importância do líder de opinião em qualquer operação de mudança e a ineficiência presente dos meios convencionais de comunicação para promover a interação social. Ou seja, vê nos agentes sociais um papel de gerar mudança social.

Para isso, pesquisa como folkcomunicação as manifestações no período pré-cabralino, colonial e pós-colonial, no qual inclui os sistemas de comunicação indígenas e jesuíticos, dos cantadores, caixeiros-viajantes e *choferes* de caminhão, os folhetos, almanaques e calendários, e as festas populares como carnaval, bumba-meu-boi e mamulengo, além do artesanato e outras artes populares. Logo, é na proposta de Beltrão que tais manifestações

culturais constituem-se em objetos de estudo em si mesmos. (MARQUES DE MELLO,2008).

Tratam-se dos processos de comunicação popular, preservados pelas comunidades tradicionais do Brasil rural e dos subúrbios metropolitanos (festas, folguedos, repentes, literatura de cordel), que operam como recodificadores das mensagens da grande mídia. Eles não apenas reciclam a linguagem, mas intervêm no conteúdo das mensagens, reinterpretando-as segundo os padrões de comportamento vigentes nesses agrupamentos periféricos. Portanto, folkcomunicação é “a utilização de mecanismos artesanais de difusão simbólica para expressar, em linguagem popular, mensagens previamente veiculadas pela indústria cultural”. (MARQUES DE MELO, 2008).

Para Beltrão (2001, p.79), “Folkcomunicação é, assim, o processo de intercâmbio de informações e manifestação de opiniões, idéias e atitudes da massa, através de agentes e meios ligados direta ou indiretamente ao folclore”.

Na atualização do conceito de folkcomunicação, encontramos em Hohlfeldt (2008), que a folkcomunicação passa a ser entendida como:

O estudo dos procedimentos comunicacionais pelos quais as manifestações da cultura popular ou do folclore se expandem, se sociabilizam, convivem com outras cadeias comunicacionais, sofrem modificações por influência da comunicação massificada e industrializada ou se modificam quando apropriadas por tais complexos. (HOHFELDT, 2008, p.82).

Consideramos que o estudo sobre educação contextualizada está intimamente ligado à prática deste conceito de folkcomunicação trazido por Hohfeldt. Na prática pedagógica, vivenciada em contextos tanto urbanos como rurais, camponeses ou populares, a folkcomunicação pode permear as práticas educativas. Inclusive, já tem sido contemplada no âmbito de diversas pesquisas em centros universitários brasileiros associados à Rede Folkcom. Assim acontece com professores e alunos do Programa de Mestrado em Extensão Rural e Desenvolvimento Local da Universidade Federal Rural de Pernambuco como

Betânia Maciel, Irenilda Lima, Marcelo Sabattini, Eliana Queiroz, Ana Paula Gomes da Silva, Gilvania Vasconcelos, Jademilson Silva, Filipe Lima e outros. Temas como Festejos Juninos como recursos didáticos e metodológicos, Folkcomunicação e Extensão Rural; Folkcomunicação e desenvolvimento local entre tantos outros que têm sido estudados sob a ótica de práticas participativas e dialogadas.

Partindo do pressuposto de que, na sociedade moderna, a convivência entre pessoas, famílias e sociedades exige negociações entre os diferentes, as mediações passaram a ser um instrumento importante de reconfiguração das interações comunicacionais e culturais, o momento de consolidação dos estudos de Folkcomunicação como área de conhecimento está norteado pelo reconhecimento de sua complexidade, de sua natureza interdisciplinar e multidisciplinar. Concordamos com as idéias de Hohlfeldt (2006) quando diz que em Folkcomunicação, a interdisciplinaridade não aparece apenas nas áreas de ciências sociais, em aproximações horizontais e eqüitativas. E o caráter multidisciplinar ocorre visivelmente nas diversas relações epistemológicas que compreende desde a etnografia à sociologia, passando pela antropologia, o folclore, a comunicação social, a lingüística, a literatura, semiótica, a música, educação, etc.

Nas denominadas pedagogias ativas, valorizou-se o ensino voltado para a construção de um indivíduo autônomo, tomando por base suas necessidades e capacidades. Nessa tendência inseriu-se o pensamento de John Dewey (1859-1952), um dos expoentes máximos da Escola Nova, que elaborou os conceitos de “aprender fazendo, aprender pela vida e para a democracia”. (GADOTTI, 1992).

O conceito de autonomia vem do grego e significa autogoverno, governar-se a si próprio. No âmbito da educação, o debate moderno em torno do tema remonta ao processo dialógico de ensinar contido na filosofia grega, que preconizava a capacidade do educando de buscar resposta às suas próprias perguntas, exercitando, portanto, sua formação autônoma. Ao longo dos séculos, a idéia de uma educação anti-autoritária vai, gradativamente, construindo a noção de autonomia dos alunos e da escola, muitas vezes

compreendida como autogoverno, autodeterminação, autoformação, autogestão, e constituindo uma forte tendência na área (GADOTTI, 1992).

Procedimentos metodológicos

O presente estudo utilizou-se da análise teórica do pensamento deweyano na obra Vida e Educação e beltriano na obra Folkcomunicação: teoria e metodologia. Trata-se, portanto, de uma pesquisa bibliográfica. Elegemos para discussão da teoria a análise qualitativa, que para Minayo (2007), é uma interpretação da realidade dentro de uma visão complexa, sistêmica e holística. Aprofunda-se no mundo dos significados. Esta mesma complexidade é pertinente às áreas de educação e de comunicação. Compondo, portanto, um artigo que, para Medeiros (2006), trata-se de um problema científico, embora com extensão relativamente pequena. No caso específico, formatamos um artigo analítico, que para o mesmo autor é uma forma de descrever, classificar e definir um assunto, levando em conta a forma e objetivo que se tem em vista.

A Escola Nova de John Dewey

John Dewey nasceu em 1859 em Burlington, cidade agrícola de Vermont (EUA). Na escola, teve uma educação desinteressante e desestimulante, o que foi compensado pela formação que recebeu em casa. Estudou na Universidade Johns Hopkins, em Baltimore, artes e filosofia e tornou-se professor da Universidade de Minnesota. Escreveu sobre filosofia e Educação, além de arte, religião, moral, teoria do conhecimento, psicologia e política.

Seu interesse por pedagogia nasceu da observação de que a escola de seu tempo continuava, em grande parte, orientada por valores tradicionais, e não havia incorporado as descobertas da psicologia, nem acompanhara os avanços políticos e sociais. Criou uma universidade-exílio para acolher estudantes perseguidos em países de regime totalitário. Morreu em 1952, aos 93 anos.

Pertencente à corrente filosófica conhecida como pragmatismo, Dewey ensinou durante alguns anos na Universidade de Michigan, até que em 1894, passa a dirigir o Departamento

de Filosofia de Universidade de Chicago, quando em 1896 começa uma investigação-experiência educativa que determina a fundação de uma escola elementar experimental, para alunos entre quatro e 16 anos, onde são testadas teorias e idéias educativas. Os resultados desta investigação deram origem a muitas das suas obras, como *A Escola e a Sociedade*. Nesta escola-laboratório, Dewey insiste no empirismo, pois acreditava que as hipóteses teóricas só têm sentido na prática.

Rocha (2006, p1) aponta como outro ponto-chave da teoria de Dewey a crença de que o conhecimento é construído de consensos, e discussões coletivas. “O aprendizado se dá quando compartilhamos experiências, e isso só é possível num ambiente democrático, onde não haja barreiras ao intercâmbio de pensamento [...] a educação é um ‘processo de reconstrução, de reorganização da experiência, pelo qual lhe percebemos mais agudamente o sentido, e com isso nos habilitamos a melhor dirigir o curso de nossas experiências futuras’” (DEWEY, 1959, p. 8 *apud* ROCHA, 2006, p.1).

No campo da pedagogia, a teoria de Dewey se inscreve na chamada educação progressiva. Ele defendia a democracia não só no campo institucional, mas também no interior das escolas. A proposta deweyana é que a filosofia seja uma reflexão sobre a experiência dos homens no mundo real e não uma guardiã da verdade, um farol condutor da humanidade na direção do bem (CUNHA, 2001). Para Hubert (1976, p.312), Dewey percebia uma relação entre os problemas gerais da vida social e a educação. Também acreditava que a educação era o laboratório no qual as diversas opiniões se concretizam e são postas à prova.

Segundo Souza e Martineli (2009), pode-se dizer, então, que na influência de Dewey na educação brasileira, há dois momentos distintos: o período de 1930 a 1950, marcado pela introdução do ideário escolanovista no Brasil, sob atuação de Anísio Teixeira (1900-1971) e, posteriormente, a década 1990, onde Dewey aparece atrelado à formação de Professores, sobretudo a partir da noção de professor reflexivo.

Vamos resgatar em John Dewey, um dos fundadores teóricos da Escola Nova, o conceito de educação como “processo direto da vida”, quando Anísio Teixeira, na introdução ao *Vida e Educação* (1973) de Dewey nos diz que:

- não pode haver nenhuma separação entre vida e sociedade; a educação é uma “contínua reconstrução da experiência”;
- o ensino deve se dar em situações de comunicação de uma a outras pessoas e de cooperação entre elas, visando a propósitos comuns;
- a escola deve estar conectada com a vida social em geral: a família, centros de recreação e trabalho, organizações da vida cívica, religiosa econômica e política; mais educação significa maior capacidade de pensar, comparar e decidir com acerto e íntima convicção;
- ter propósitos claros e bem fundados representa um bem em si, pois projetar e realizar seus projetos será viver em liberdade; o fim (o resultado) da educação se identifica com seus meios (o processo), do mesmo modo que os fins da vida se identificam com o processo de viver; o processo educativo é de contínua reorganização, reconstrução e transformação da vida;
- as experiências passadas afetam a experiência presente e a reconstruem para que todas venham influir no futuro; educação é vida. Muito antes que houvesse escolas houve educação;
- o homem refaz o mundo pelo seu esforço. Presentemente, esse esforço ganhou tal expansão e tal intensidade que tudo está a se refazer com velocidade que nos custa, às vezes, aprender;
- os símbolos são símbolos quando representam e resumam experiências pelas quais o indivíduo realmente passou. Um símbolo que é trazido de fora, alheio às atividades preliminares que o deveriam ter formado é, por assim dizer, o cadáver de um símbolo: nada exprime. (DEWEY, 1973)
- A investigação científica só faz sentido quando os pesquisadores rompem os limites de suas especializações e entram em franca cooperação com outras ocupações sociais, e se mostram sensíveis aos problemas de seus semelhantes, ao ponto de lhes transmitirem os resultados, a que porventura hajam chegado, para mais ampla aplicação no domínio da ação

Dewey (1959, p.5-7) nos relata que a sociedade não somente assegura a sua continuidade por transmissão, mediante comunicação, como a sua própria existência se traduz em transmissão e em comunicação. Sociedade pressupõe uma consciência comum deste fim, uma participação inteligente na atividade coletiva, uma compreensão comum. E isso não se efetua sem comunicação, sem mútua e permanente informação. Para o autor, “a escola deve representar a vida presente, uma vida tão real e vital para a criança como a que vive em sua casa, na vizinhança ou no campo de jogo”(DEWEY, 1940, p. 22 *apud ROCHA, 2006, p.1*).

Em seu sentido genuíno, sociedade é, pois, comunicação ou mútua participação. Ora, segundo ele, comunicação é educação. Nada se comunica sem que os dois agentes em comunicação – o que recebe e o que comunica – se mudem ou se transformem de certo modo. Quem recebe a comunicação tem uma nova experiência que lhe transforma a própria natureza. Quem a comunica, por sua vez, se muda e se transforma no esforço para formular a sua própria experiência” (DEWEY, 1973, p.19). E o filósofo lembrava: “É indubitável que uma sociedade [...] deve procurar fazer que as oportunidades intelectuais sejam acessíveis a todos os indivíduos, com iguais facilidades para os mesmos”.(DEWEY,1959, p. 94 *apud Rocha, 2006,p.1*).

As principais obras de Dewey são: *Meu Credo Pedagógico* (1897), *Escola e Sociedade* (1899), *Como Pensamos* (1910), *Democracia e Educação* (1916), *Experiência e Natureza* (1925) e *A Busca da Certeza* (1930).

Pensamento de Luiz Beltrão:

- A comunicação coletiva não se faz entre um indivíduo e outro como tal, mas em forma colegiada: o comunicador é uma instituição ou uma pessoa institucionalizada, que transmite a sua mensagem, não para alguém em particular, mas para quantos lhes desejam prestar atenção. (BELTRÃO, p.2004, p.28)
- Comunicação é o problema fundamental da sociedade contemporânea - sociedade composta de uma imensa variedade de grupos, que vivem separados uns dos outros

pela heterogeneidade da cultura, diferença de origens étnicas e pela própria distância social e espacial.(BELTRÃO, p.2004, p.27)

- Há, entretanto, na sociedade contemporânea, não obstante as características próprias e os conflitos de interesses imediatos de cada grupo, uma unidade mental, decorrente da própria natureza humana dos seus componentes e de um universal consenso. Os grupos acham-se, assim, vinculados a uma ordem semelhante de idéias e a um propósito comum: adquirir sabedoria e experiência para sobreviver e aperfeiçoar a espécie e a sociedade. (BELTRÃO, p.2004, p.27)
- Entretanto, a simples aquisição de dados estatísticos (classes e médias) é insuficiente para apurar os efeitos das suas mensagens e reaproveitar a reação dos receptores para novas e atualizadas comunicações - se o órgão comunicador não os confronta e estima com outros fenômenos e situações de ordem geral, que comandam, no momento analisado, o comportamento coletivo, a saber:
 1. a personalidade dos grupos organizados aos quais se dirige e de que presume conhecer a maneira de ser e agir como unidade de liderança da comunidade;
 2. a situação sócio-econômica e cultural da comunidade como um todo, tendo em conta fatores étnicos, condições ecológicas, índice de desenvolvimento, nível educacional, princípios filosóficos motrizes;
 3. as diretrizes políticas e a influência das elites dirigentes sobre o todo, considerando o papel relevante das lideranças políticas e os reflexos do seu pensamento e da sua atividade na consciência e na ação coletiva;
 4. o quadro psicológico da atualidade universal, pois a nossa comunidade não vive isolada mas é parte do mundo físico e da humanidade inteira, nela repercutindo e alterando as reações tudo quanto afeta o globo terrestre (a natureza) e a sociedade internacional (a espécie humana).(BELTRÃO, p.2004, p.30)
- A nossa elite, inclusive a elite intelectual, tem o *folk-way* das classes trabalhadoras das cidades e do campo apenas como objeto de curiosidade, de análise mais ou menos romântica ou literária.(BELTRÃO, p.2004, p.34)

- A literatura, a arte, as crenças, os ritos, a medicina, os costumes dessas camadas sociais, os seus meios de informação e de expressão continuam ignorados em toda sua força e verdade, o que impossibilita a comunicação e a comunhão entre governo e povo, elite e massa.(BELTRÃO, p.2004, p.34)

Folkcomunicação e Educação: articulações entre Beltrão e Dewey

Especificamente sobre a associação do pensamento Beltraniano e Deweyano, as concepção de ciência de Luiz Beltrão rompe com a idéia de algo que paira acima da sociedade. Para ele, a ciência é parte da sociedade e da vida. Quem já falava sobre isso era Dewey, em 1916. O conhecimento científico só completa seu ciclo se for revertido para a sociedade que o produz, depois de irrigar a terra. Sua concepção de cultura, de forma sucinta, aponta para referenciais históricos, mas contextualizados. Para Beltrão, cultura é produzida em um meio determinado, a partir da participação ativa dos integrantes de um grupo social específico. É esta cultura que confere coesão social a tal grupo, permitindo o compartilhamento de suas crenças, de sua "leitura do mundo". Novamente a importância do símbolo, que está em Dewey.

Enquanto Dewey dizia que não pode haver nenhuma separação entre vida e sociedade; Beltrão afirmava que o comunicador é uma instituição ou uma pessoa institucionalizada, que transmite a sua mensagem, não para alguém em particular, mas para quantos lhes desejam prestar atenção.

Para Dewey, o ensino devia se dar em situações de comunicação de uma a outras pessoas e de cooperação entre elas, visando a propósitos comuns. Beltrão entevia como principal problema da sociedade contemporânea a comunicação entre grupos heterogêneos que vivem separados uns dos outros pela cultura, origens étnicas e pela própria distância social e espacial.

Dewey achava que a escola devia estar conectada com a vida social em geral: a família, centros de recreação e trabalho, organizações da vida cívica, religiosa econômica e política.

Já Beltrão assinalava que, embora houvesse conflitos de interesses imediatos nos grupos sociais, eles achavam-se vinculados a uma ordem semelhante de idéias e a um propósito comum: adquirir sabedoria e experiência para sobreviver e aperfeiçoar a espécie e a sociedade.

Enquanto Dewey afirmasse que projetar e realizar projetos era viver em liberdade e que o processo educativo é de contínua reorganização, reconstrução e transformação da vida; Beltrão dava ênfase ao comportamento coletivo, como unidade de liderança da comunidade; a situação sócio-econômica e cultural da comunidade como um todo e considerava o papel relevante das lideranças políticas e os reflexos do seu pensamento e da sua atividade na consciência e na ação coletiva.

Enquanto Dewey lutava por procurar fazer que as oportunidades intelectuais fossem acessíveis a todos os indivíduos, com iguais facilidades para os mesmos, Beltrão queria que a comunicação dos marginalizados fosse ouvida e entrasse em comunhão com a sociedade.

Conclusão

Com a obra *Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados* (1980), Beltrão expôs a teoria da Folkcomunicação. Desta maneira, os pesquisadores de folkcomunicação ampliaram o seu raio de observação, não se limitando a analisar os fenômenos da recodificação ou decodificação popular de mensagens da cultura massiva, mas também rastreando os processos inversos, ou seja, a incorporação de bens da cultura popular pela indústria cultural (os meios de comunicação e os aparatos do lazer massivo, principalmente o turismo). É nesta perspectiva que também buscamos um entrelaçamento entre comunicação e educação, através das vivências, do cotidiano e das relações interpessoais, onde cada sujeito discute e interage dentro das suas manifestações culturais e inter-relações do local.

Podemos fazer uma transposição teórica para um tipo de educação brasileira atualmente

denominada educação contextualizada. Nesta modalidade educativa são considerados para efeito de valorização todos os elementos que entram no ensino e na aprendizagem e os públicos específicos do *lócus* de sua realização, evidenciando, no caso, a educação do campo nas modalidades: quilombolas, dos povos indígenas, pescadores artesanais e comunidades tradicionais em geral. Todos os elementos são importantes porque são vistos à luz da complexidade pregada principalmente por Edgar Morin (1996).

Dewey antecipou muito dos conceitos estudados agora pela área de comunicação, como os hibridismos, as globalizações ao longo do tempo, a importância dos atores sociais na participação cidadã, os intelectuais orgânicos e os tradutores de conhecimento (folkcomunicadores?) e a importância da representatividade dos símbolos. Não seria nada estranho mesclar comunicação, educação e sociologia, já que a folkcomunicação se perfila muito mais como interdisciplina, no território fronteiro entre a antropologia e a comunicação, ou como campo convergente de estudos, articulando mídia e folclore.

Ainda não foi possível uma plena integração das duas áreas. De um lado a educação ainda não aproveitou plenamente os conhecimentos da comunicação; por outro lado, para os profissionais da comunicação, cuja atividade vincula-se ao objetivo de informar e de formar opinião, a função educativa não tem sido preocupação de primeira ordem. Consideramos pertinente considerar o que Mattelart (1994) diz sobre a pertinência da comunicação assumir a sua vocação pedagógica. Porém, percebe-se em ambos os autores, Beltrão e Dewey, o ineditismo e vanguarda de suas idéias. Também observamos a preocupação com a comunicação e cooperação, como busca de amenizar os conflitos na sociedade, tendo em vista a contínua reorganização, reconstrução e transformação da vida pela educação (no caso de Dewey), e pela folkcomunicação, tida então como comunicação dos marginalizados (no caso de Beltrão).

São pensamentos que, ao serem associados, nos estimulam a pensar de forma dinâmica, analítica e crítica temas recorrentes e importantes para as instâncias acadêmicas em suas atualizações, que por sua vez se dedicam à promoção da produção do conhecimento, tendo

em vista a perspectiva do fortalecimento de culturas locais e da construção de sociedades democráticas.

Referências

BELTRÃO, Luiz. Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de idéias. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001

BELTRÃO, Luiz. Teoria e metodologia. São Bernardo do Campo: UESP, 2004

BORDENAVE, J. E. Diaz e WERTHEIN, Jorge (Org.). Educação Rural no Terceiro mundo. Trad. Paulo Roberto Kramer e Lúcia Tereza Lessa Carregal. Rio de Janeiro: Paz e terra. 1981.

CUNHA, Marcus Vinícius. John Dewey e o pensamento educacional brasileiro: a centralidade da noção de movimento. 23.^a Reunião Anual da ANPED, no GT História da Educação. Maio/Jun/Jul/Ago 2001 Nº 17. Disponível em ,http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE17/RBDE17_08_MARCUS_VINICIUS_DA_CUNHA.pdf>. Acessado em 04.05.2010.

DEWEY, John. Vida e educação. 8.^a. Edição. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1973.

DEWEY, John. Democracia e Educação. Tradução de Godofredo Rangel e Anísio Teixeira, 3. ed., São Paulo: Companhia Editora Nacional (1959).

DIMBLEBY, Richard e BURTON, Graeme. Mais do que palavras: uma Introdução à Teoria da Comunicação. São Paulo: Summus Editorial, 1990.

HOHLFELDT, Antônio. Contribuição aos Estudos acadêmicos da folkcomunicação. In: MARQUES MELO, J.; TRIGUEIRO, O. M.. (orgs). Luiz Beltrão: Pioneiro das ciências da comunicação no Brasil. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB; Intercom 2008, p.77

HUBERT, René. História da Pedagogia. Tradução e notas de PENNA, Luiz Damasco e PENNA, J.B. Damasco. 3.^a. Ed. São Paulo: Ed. Nacional; Brasília, INL, 1976, 400p. (Atualidades pedagógica, v.66).

GADOTTI, Moacir. Escola cidadã: uma aula sobre a autonomia da escola. São Paulo: Cortez, 1992.

MARQUES DE MELO, José. Mídia e Cultura Popular. História, taxionomia e metodologia da folkcomunicação. São Paulo: Paulus, 2008.

MATTELART, Armand. Comunicação-Mundo: História das idéias e das estratégias. Petrópolis, Vozes, 1994.

MORIN, Edgar. Teoria da Complexidade. Publicações Europa-America. 1996.

OLIVEIRA, Maria Marly de. Como fazer pesquisa qualitativa. 2. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

QUEIROZ, Eliana; SILVA, Jademilson; WILLIE, Leonardo; MACIEL, Betânia. A cultura popular retratada nas ações mercadológicas das Empresas de alimentos durante o período junino. VI Seminário Os Festejos Juninos no contexto da folkcomunicação e da Cultura Popular. Campina Grande, 18 a 20 de Junho de 2009.

ROCHA, Eliezer Pedroso da. John Dewey: Democracia e educação. In: Revista das Faculdades de Educação, Ciências e Letras e Psicologia Padre Anchieta. Argumento - Ano VIII - No. 14, Maio/2006 disponível em: <http://www.futuroeducacao.org.br/biblio/john_dewey_democracia.pdf>. Acessado em 10.12.2009

SANTOS, Roberto Elísio dos. As teorias da comunicação: da fala à internet. Paulinas. São Paulo, 2003

SOARES, Donizete. Educomunicação - O que é isto? In: Gens Instituto de Educação e Cultura. São Paulo: Creative Coomon Orgs, maio de 2006. Disponível em <http://www.portalgens.com.br/baixararquivos/textos/educunicacao_o_que_e_isto.pdf> Acessado em 22.09.2009.

SOUZA, Rodrigo Augusto de; MARTINELLI, Telma Adriano Pacífico. Considerações históricas sobre a influência de John Dewey no pensamento pedagógico brasileiro. In: Revista HISTEDBR On-line, Campinas, SP, n.35, p. 160-162, set.2009 - ISSN: 1676-2584, disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/35/art11_35.pdf>, acessado em 12.03.2010.

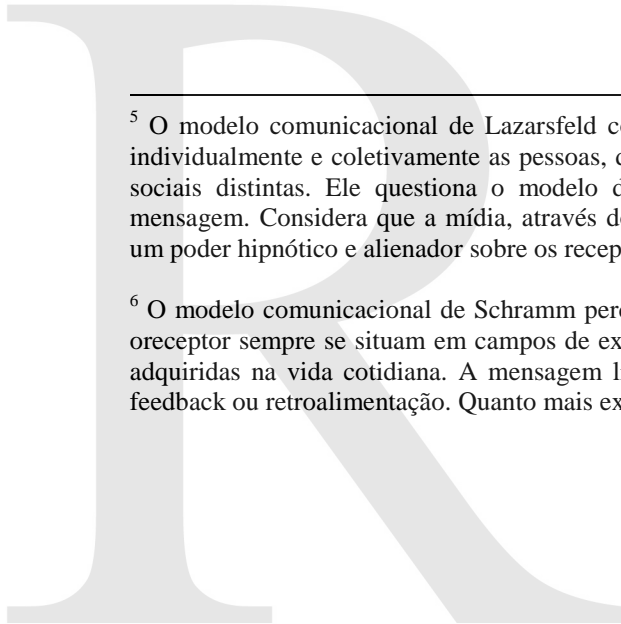
TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. Folkcomunicação e ativismo midiático. João Pessoa. Ed. UEPB, 2008.

¹ Doutora em Ciências da Comunicação pela USP. Professora da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE. Docente do POSMEX . Programa de Mestrado em Extensão Rural e Desenvolvimento Rural. irenilima@hotmail.com

² Doutora em Comunicação, Máster em Ciência, Tecnologia y Sociedad: Comunicación y Cultura USAL - Espanha (2000), mestre em Administração Rural e Comunicação Rural UFRPE (1994), pedagoga. Professora do Posmex-UFRPE. Presidente da rede Folkcom. E-mail: betania_Maciel@terra.com.br


³ Jornalista, gestora em turismo cultural, mestranda em no Programa de Pós-graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local (Posmex) da Universidade Federal Rural de Pernambuco e membro da Rede de Estudos e Pesquisa em Folkcomunicação (Rede Folkcom)

⁴ Mestre em Extensão Rural e Desenvolvimento local (UFRPE), jornalista, membro da Rede Folkcom, pesquisadores nas linhas de pesquisa em comunicação e cultura.



⁵ O modelo comunicacional de Lazarsfeld considera os líderes de opinião, pessoas capazes de influenciar individualmente e coletivamente as pessoas, de uma maneira informal os seus comportamentos, em camadas sociais distintas. Ele questiona o modelo de Lasswell (1948) no tocante à passividade do receptor da mensagem. Considera que a mídia, através do excesso de informação pode levar ao alheamento, mas não a um poder hipnótico e alienador sobre os receptores.

⁶ O modelo comunicacional de Schramm percebe a comunicação como um todo. Considera que o emissor e o receptor sempre se situam em campos de experiência, ou seja, um conjunto de vivências sociais e culturais adquiridas na vida cotidiana. A mensagem liga um campo a outro. Há produção de sentidos. Menciona o feedback ou retroalimentação. Quanto mais experiência comum, mais a mensagem é retroalimentada.



y P